

VG49

Vidas do Fora

RESERVA TÉCNICA
Editora G. ERGS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL**

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica
Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

adriana da silva thoma
ana carolina da costa fonseca
andré pietsch lima
andréa vieira zanella
andresa thomazoni
barbara elisabeth neubarth
benito bisso schmidt
bianca sordi stock
blanca luz brites
débora de Moraes coelho
elida starosta tessler
eugénia vilela
helenaraújo rodrigues kanaan
júlia dutra de carvalho
juliane tagliari farina
kátia maria kasper
larisa da veiga vieira bandeira
leonardo martins costa garavelo
luciano bedin da costa (org.)
luis artur costa
mara evanisa weinreb
marisa lopes da rocha
mayra martins redin
nara lúcia girotto
oswaldo giacoia junior
patrícia kirst
paulo fernando monteiro ferraz
regina basso zanon
regina longaray jaeger
sandra mara corazza
sara hartmann
simone mainieri paulon
tania mara galli fonseca (org.)
vera lúcia inácio de souza
vilene moehlecke
vitor butkus de aguiar
viviane trindade borges

Vidas do Fora

habitantes do silêncio

© dos autores.
1ª edição: 2010

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto

Ilustração da capa: Frontino Vieira. *Acervo da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.*

Revisão: Gabriela Koza

Editoração eletrônica: Daniel Ferreira da Silva

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

V649 Vidas do fora: habitantes do silêncio / Adriana da Silva Thoma ... [et al.] ; organizado por Luciano Bedin da Costa e Tania Mara Galli Fonseca. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
381 p.: il. ; 14x21cm

Prefácio de Andréa Vieira Zanella.

Inclui ilustrações e fotografias.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia social. 2. Psicologia – Método Biografemático. 3. Potencial criativo – Internados psiquiátricos. 4. Pacientes psiquiátricos – Vida e Obra. 5. Oficina de criatividade – Hospital Psiquiátrico - Porto Alegre, RS. 6. Saúde mental – Políticas públicas. I. Thoma, Adriana da Silva. II. Costa, Luciano Bedin da. III. Fonseca, Tania Mara Galli.

CDU 159.954.4-056.34

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)
ISBN 978-85-386-0087-9

W^o de registro: 3896

W^o da obra: 1178

Data: 10/01/2010

Das armadilhas desejan- tas: capturas e rupturas institucionais

SIMONE MAINIERI PAULON

A palavra desejo tende a nos soar como algo próximo à impetuosidade, volúpia, potência, intensidade. (*O que será que me dá?*) Desejar e ser desejado... (*Que brota à flor da pele, será que me dá?*) desejar ser desviado, desnordeado, perder o rumo por desejar (*O que não tem mais jeito de dissimular: O que nem é direito ninguém recusar...*) ‘Desiderare’, perder-se entre os astros, ficar sem referências... (*O que não tem medida, nem nunca terá?*)¹ O que será que aí se dá?

O desejo humano, diferente da simplicidade animal que visa à satisfação das necessidades, é marcado pela interminável interrogação sobre si mesmo. O inferno e o paraíso do desejo humano é jamais se satisfazer com a pergunta – “Onde está meu objeto de desejo?” – mas remeter-nos sempre a desejar outros desejos: “Que mais daí desejar?”, “Como fazer-se desejável?”; “Como poder mais...?”.

A facilidade com que confundimos o desejo com desejo amoroso, excitação, impulso de aproximação ao desejo de um Outro apresenta-nos uma das principais armadilhas do desejo. Quando ligamos desejar a desejar alguém fica difícil não pensar o desejo inextricavelmente ligado à carência (*mas quando eu te beijo, eu desejo teu desejo*)²: desejo de preenchimento, completude, desejo daquilo que nos falta, e falta sempre e não cessamos de desejar...

Assim colocado sob o signo da carência e da falta – marca indelével da interpretação freudiana – que dizer de alguns dos tantos desejos ‘tortuosos’? (*Ando tão à flor da pele que meu desejo se con-*

¹ “O que será? [À flor da pele]”, de Chico Buarque de Holanda.

² “Menino do Rio” de Caetano Veloso.

funde com a vontade de não ser).³ Desejos de não mais desejar, como do burocrata; desejo de morte ou de dor como do amante ressentido; de vazio, como do anoréxico; de extravio como no drogado; desejos vingativos; pervertidos, incontidos?

Como tal política da escassez captaria a força artística de desejos diversos? (*Melancolia! Estende-me a tu'asa!/És a árvore em que devo reclinar-me.../Se algum dia o Prazer vier procurar-me/Dize a este monstro que eu fugi de casa!*⁴)

Antes de reduzir o desejo à lógica da castração e a arte a um quadro nosológico, é bom que se diga desde já: desejo não é festa. Não é enigmático, tampouco impossível, busca de um objeto perdido numa infância longínqua.

Com outro olhar sobre o conceito, Gilles Deleuze, dito filósofo do desejo, enfatiza que nunca se deseja algo ou alguém, mas se deseja um agregado. Para ele, o que se torna desejável são elementos que se conectam. Quando bebo não absorvo só um certo líquido, absorvo as novas intensidades que ele me produz, as mesas de bar a que me conduz, as conversas soltas, olhares cruzados, tempos lembrados. Bebe-se a noite, bebe-se o som do sax no fundo do bar em que se marcou o *happy hour* com o velho amigo, bebe-se àquele encontro.

Seguindo Proust, ele mostra que o desejo por uma mulher não é tanto desejo pela mulher quanto por toda uma paisagem que a envolve. Deseja-se o conjunto: Mulher/batom/cor do céu no dia/vento que sopra na janela/vestido de mulher/... Deseja-se em blocos, não em parcelas. O desejo é potente demais para ser parcial. “Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto.(...) é isso um desejo. É construir um agenciamento, construir uma região, é realmente agenciar. O desejo é construtivismo”.⁵

Dito de outro jeito: o desejo não é linear. Seus múltiplos direcionamentos, pluralidade constitutiva, permitem reconhecer tantos anseios de dureza, de territórios conhecidos, quanto a existência de

³ “Flor da pele” de Zeca Baleiro.

⁴ Poema de Augusto dos Anjos: “Queixas Noturnas”.

⁵ Idem.

linhas de fuga, de repertórios inusitados que façam a vida se expandir em novas direções. Fala-se, então, de um desejo como máquina construtiva das variações que os encontros entre os corpos acionam, fazendo-os variar de infindáveis maneiras. Não há desejo que não peça mais conexões, novos agenciamentos. (*Desejo que se satisfaz/ Pede muito mais/sentir gosto de cabelo, de suor/tanto faz, tanto faz*⁶)

Dentre as várias insurgências do pensamento deleuziano contra a psicanálise, a ideia de um desejo-verdadeiro *versus* desejo-falso – como o filósofo lê em Freud – destaca-se na diferença dos dois pensamentos. Acontece que a distinção verdadeiro-falso não cabe ao processo do desejo não só pelo aspecto moral aí subentendido, mas também pela pressuposição de uma verdade acerca da subjetividade, de um conteúdo oculto que encobriria alguma significação profunda a ser desvelada. Tal tentativa de hierarquização das energias múltiplas que nos ligam à vida não supõe, como Paul Valéry, que em termos de nossa subjetividade “o mais profundo é a pele”; ou não canta a mesma música que os Titãs quando afirmam “*comida, diversão e arte*” no mesmo plano das motivações humanas.

Retirar-se, entretanto, o desejo do reino circunspeto da falta não é o mesmo que afirmá-lo espontaneísta. Transgressor, talvez, em suas linhas de fuga, mas isso já é diferente! É que em termos de desejo não há interioridade, há coletivos. Agenciamentos constitutivos do desejo que se conectam a mais coletivos. Daí podermos dizer que não temos desejos (eles não vêm de fábrica, com acessórios infantis!); fazêmo-los e, com eles, nos fazemos sujeitos singulares e construímos mundos que nos são próprios.

Desejo, como dito por Guattari, é “produção de mundos”, e o mundo não vem etiquetado entre certo e errado, bom ou mau para ser vivido: ele vem *inteiro e não pela metade!* Isso nos coloca frente a frente com uma outra, talvez mero desdobramento da primeira, armadilha que o paradoxo do desejo impõe: reconhecemos nos agenciamentos desejantes que historicamente produzimos?

⁶ Versão de Cazusa para música “Pedaço do meu coração”, do original “Peace of my Heart” de Ragovoy e Berns.

Pensando as pactuações sociais que a humanidade construiu como espécies de territórios padronizadores dos desejos humanos, tomamos contato com o que há de mais “endurecido” nas linhas desajustadas: nosso desejo de instituição. A família para acolher, a escola para educar, o estado para reger, o casamento para amar... E mesmo que já não nos sintamos devidamente acolhidos, educados, organizados ou amados, dentro delas tendemos a conservá-las. Pelo menos, alimentam a ilusão de uma certa ordem universal, um mundo com “cada coisa no seu lugar”, onde toda a dor encontre um remédio adequado, a justa e apaziguadora medida.

“À questão, como o desejo pode desejar sua própria repressão, como ele pode desejar sua escravidão, respondemos que os poderes que esmagam o desejo, ou que o sujeitam, já fazem parte dos próprios agenciamentos de desejo: basta que o desejo siga aquela linha, para ser levado, como um barco, por aquele vento”.⁷ Com isso, já não é possível entender o mundo como algo despregado do desejo. Tanto quanto não é possível atribuir-se uma interioridade intrínseca ao desejo não há uma exterioridade constitutiva das instituições.

Encarregamos-nos, neste sentido, de seguir a profecia de Nietzsche.⁸ Por mais que nossos desejos expressem, em muitos momentos, nossa vontade de nada, isso, ainda não é nada de vontade! Mesmo ao querer só territórios existenciais conhecidos, desejar só o “mesmo”, quando o niilismo mascara a potência subversiva do desejo, isto ainda não é o nada querer. E o querer sempre pode querer poder mais!

As armadilhas do desejo falam-nos, portanto, de nosso “demasiado humano” processo de subjetivação. Se o desejo é também desejo de nada, se a potência é também poder de envenenar a vida, não se trata, então, de desejar ou não. Trata-se, sim, de acompanhar o desejo em seu exercício de amplidão, fazer a alma saltar: *Onde queres descanso sou desejo/E onde sou só desejo*

⁷ DELEUZE. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p.154.

⁸ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

*queres não/E onde não queres nada/Nada falta e onde voas bem
alto/Eu sou o chão/E onde pisas o chão/Minha alma salta/E ga-
nha liberdade na amplidão.*⁹

São reflexões que deixam a desejar? Pois é justo disso que se trata, de produzir outras. “É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir”.¹⁰

⁹ “Queres” de Caetano Veloso.

¹⁰ DELEUZE. *Abecedário*. <http://www.webdeleuze.com>